

RELATO DE EXPERIÊNCIA

EXPERIENCE REPORT

Velhice e Institucionalização: Cenas da vida no abrigo

Old Age and Institutionalization: Life scenes in the shelter

Vejez e Institucionalización: Escenas de la vida en el refugio

Talita Baldin
Paulo Eduardo Viana Vidal

RESUMO: O presente relato apresenta uma atividade de pesquisa desenvolvida em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI). Esta pesquisa de mestrado buscou abordar as narrativas acerca da vida antes e durante a institucionalização de oito residentes, quatro homens e quatro mulheres, com idade entre 66 e 89 anos, residentes de dois a sete anos na ILPI. Com base no referencial teórico da Psicanálise e da teoria artaudiana de teatro, foi possível pensar a existência do ponto de vista da encenação, cuja palavra é elemento central para a existência. Por fim, conclui-se que a experiência vivida com a tessitura da dissertação de mestrado, que se encontra aqui resumida, traz a importância de ser sujeito quando inserido em processos de institucionalização. Há possibilidades. Há caminhos. Há construções a serem feitas e que permitem que, mesmo dentro de normas rígidas e coletivizadas, o sujeito possa se fazer sujeito. Uma dessas formas é dar-lhe voz e autonomia para contar sua história da forma que quiser, ou que acredita ser. Outra é uma transformação da ILPI como é dada para a construção de um lugar aberto a possibilidades, a escolhas, mesmo que limitadas, por meio da escuta. As pessoas que lá se encontram precisam sentir-se pessoas. Precisam de voz e de ouvidos que as escutem. Precisam de meios de representação. Precisam de plateia.

Palavras-chave: Teatro; Idoso; Instituições de Longa Permanência para Idosos.

ABSTRACT: *This report is a research activity developed in a Long Term Care Institutions for Elderly (ILPI). This master's research sought to bring the narratives about life before and during the institutionalization eight residents, four men and four women, aged between 66 and 89 years, residents of two to seven years in ILPI. Based on the theoretical framework of psychoanalysis and the Artaud's theory theater it was possible to think of the existence of the point of view of staging, whose word is central to existence. Finally, it is concluded that the experience with the fabric of the dissertation, which is summarized here, brings the importance of being subject when inserted into institutionalization processes. There are possibilities. There are ways. There is one construction work being done and that allow even within strict rules and collectivized the subject can be made subject. One of those ways is to give voice and autonomy to tell your story the way they want, or believed to be. Another is a transformation of ILPI is given as for the construction of an open place to possibilities, the choices, though limited, by listening. People who are there need to feel people. They need voice and ears that listen. They need representation means. They need audience.*

Keywords: *Theatre. Elderly. Long-stay Institutions for the Elderly.*

RESUMEN: *El presente relato presenta una actividad de investigación desarrollada en una Institución de Larga permanencia para ancianos (ILPI). Esta investigación de maestría buscó abordar las narrativas acerca de la vida antes y durante la institucionalización de ocho residentes, cuatro hombres y cuatro mujeres, con edad entre 66 y 89 años, residentes de dos a siete años en la ILPI. Con base en el referencial teórico del psicoanálisis y la teoría artaudiana de teatro fue posible pensar la existencia del punto de vista de la escenificación, cuya palabra es elemento central para la existencia. Por último, se concluye que la experiencia vivida con la tesis de la disertación de la disertación que se encuentra aquí resumida, trae la importancia de ser sujeto cuando se inserta en procesos de institucionalización. Hay posibilidades. Hay caminos. Hay construcciones a ser hechas y que permiten que incluso dentro de normas rígidas y colectivizadas el sujeto pueda hacerse sujeto. Una de esas formas es darle voz y autonomía para contar su historia de la forma que quiera, o que cree ser. Otra es una transformación de la ILPI como se da para la construcción de un lugar abierto a posibilidades, a elecciones, aunque limitadas, por medio de la escucha. Las personas que allí se encuentran necesitan sentirse personas. Necesitan voz y oídos que las escuchen. Necesitan medios de representación. Necesitan una audiencia.*

Palabras-clave: *Teatro; Personas de edad avanzada; Instituciones de larga permanencia para ancianos.*

Introdução

Na cultura ocidental, tal como esta se mostra configurada atualmente, muitas vezes o idoso é tomado como um “velho que gosta de contar histórias”. Em casa a infância é marcada por uma grande variedade de histórias. Cada uma delas, por si só, consistiu de amontoados de palavras que, juntas, traziam algum sentido para a existência: retomavam nossas histórias, a de nossas origens e, de alguma forma, criavam extensões dessas histórias para que aqueles que não as viveram pudessem tomar contato com elas. Destaque-se a importância de que essas histórias tiveram, e têm em nossas histórias individuais e pessoais, mas sem dúvida, de alguma forma, demarcam também nossas escolhas e perspectivas profissionais.

Por meio deste relato, apresentam-se algumas influências que tais histórias tiveram na tessitura da dissertação de mestrado escrita pela primeira autora, orientada pelo segundo autor, momento em que, estimulados pela pesquisa, adentramos uma Instituição de Longa Permanência para Idosos, a fim de ouvir e recontar histórias trazidas por oito residentes. Suas histórias trazem marcas da existência e da vida antes e durante a estada na instituição, bem como suas percepções acerca da velhice.

A pesquisa foi desenvolvida em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI) filantrópica, localizada em São Gonçalo, RJ. O interesse pela ILPI em específico partiu de indicações da boa infraestrutura e qualidade dos atendimentos prestados no local, além de sua representatividade no município, sendo uma instituição de grande porte, com cerca de 200 leitos. Em contato com a psicóloga, apresentou-se uma proposta, com a manifestação de interesse em participar de atividades ocorridas nessa ILPI. Inicialmente apenas foram acompanhadas as oficinas desenvolvidas pelo setor de Terapia Ocupacional (TO) e, em seguida, foram desenvolvidas outras atividades, esta pesquisadora sozinha, ou com auxílio das estagiárias de Psicologia, uma vez na semana, ao longo de oito meses de trabalho, com supervisões semanais e diários de campo. Além disso, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com alguns idosos residentes.

Foram selecionados intencionalmente oito residentes da ILPI, por conta do vínculo criado e por saber que possivelmente estariam dispostos a falar sobre suas vidas dentro e fora do local em que vivem atualmente.

Dos oito participantes, quatro são mulheres e quatro, homens, com idades entre 66 e 89 anos, e o período de institucionalização entre dois e sete anos. Além da disponibilidade para falar, foi critério de seleção estar há pelo menos dois anos na instituição, tempo que nos foi considerado suficiente para compreender de forma mais ampla as normas e se adaptar a uma vida institucional. Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas e seu conteúdo analisado sob a ótica da Psicanálise, compreendendo-se que cada entrevista, integralmente, é representativa da verdade de cada sujeito.

Com relação a isso, ressaltam-se as considerações de Quaresma da Silva (2013) que considera a entrevista e a investigação narrativa em Psicanálise como uma contação de histórias, que não se propõe a ser única, universal, sequer vinculada à realidade, mas similar a um caleidoscópio: conforme se vira o objeto e se permite que a luz adentre os espaços alterando-os continuamente, também a fala muda, porque a vivência já não é a mesma e jamais será compreendida de forma absoluta. Ainda, conforme a autora, o que poderia tornar a pesquisa em Psicanálise questionável e duvidosa para outras ciências, torna-a ainda mais rica, pois aborda o sujeito de forma única.

Além disso, é rua de mão dupla, já que tanto o pesquisado quanto o pesquisador são envolvidos em um processo produtor de subjetividade, no qual ambos são questionados e surpreendidos pelo questionamento de suas certezas e hipóteses. Há, portanto, não apenas troca de saberes, mas também intercâmbio de afetos. Assim, a entrevista significou a possibilidade de construção de um espaço de trocas.

O teatro enquanto linguagem

No exercer dialético de nossas experiências, Psicologia e Teatro se entrelaçam pelas palavras. A linguagem surge como um elemento central, mesmo quando o texto propriamente não é falado, mas representado pelo símbolo e pela imagem. Não à toa, Augusto Boal (2009) apontou ser, a palavra, a maior invenção humana:

Ela [a palavra] vem ocupar espaços que antes pertenciam ao Pensamento Sensível [uma forma de pensamento não verbal, embora resolutiva]. A palavra é axial entre o sensível e o simbólico. Não é limite entre um e outro: espraia-se pelos dois. Palavra tem corpo e alma (Boal, 2009, p. 64).

Ou seja, a palavra “tem corpo e alma” (Boal, 2009, p. 64) que se apossa de personagens para exprimir alguma forma de vida. Não raramente as pessoas têm dentro de si recordações as mais memoráveis, aquelas vividas na infância, especialmente quando se tem a oportunidade de conviver com avós. Recordamo-nos de cenas vividas na casa dos avós maternos ou paternos, no final de suas vidas. Ambos bastante idosos e já adoentados, nas festas de família, repetiam e repetiam, as mesmas histórias. Encarnavam personagens e criavam um mundo de fantasia, no qual filhos, netos e bisnetos, eram imersos nas antigas histórias, ainda jovens nas atualizações da memória. Histórias eram contadas e recontadas, recriadas, e toda a escuta fluía como se aquela fosse a primeira vez.

Sob tais percepções, consideramos que, no dia a dia, todos nós nos tornamos personagens de nossas próprias histórias. Atores, mas também dramaturgos – e tantas vezes também diretores. Criamos, editamos, e alteramos nossas histórias, de modo que o público possa servir-se dela e também construir e alterar suas histórias com aquilo que lhes contamos.

Nesse sentido, podemos nos pautar na vertente teatral desenvolvida por Antonin Artaud (1987), o Teatro da Crueldade, pelo qual Artaud aponta para o teatro como espaço terapêutico em que temos a possibilidade de trabalhar com a cura do ser humano. Na atuação, o sujeito tem as ferramentas essenciais para criar um lugar em que possa se vestir com um novo ser. Assim, verificamos um ponto de intersecção entre a supracitada vertente teatral e a existência humana: o sujeito fala para curar a si mesmo, para criar um novo sentido em ser, de modo que este lhe traga algum alento.

Em **Linguagem e Vida**, Artaud (2011) vislumbra o teatro enquanto imagem. Nesse sentido, não há necessariamente supressão do texto falado, mas sua subordinação à cena. “Trata-se de transformar a palavra em imagem” (Artaud, 2011, p. 21), importância similar àquela que Freud atribui aos sonhos na relação com o inconsciente. As palavras, no texto, são símbolos que se tornam imagem. Então, o que as histórias narradas seriam senão um meio de criar a existência?

Essas histórias, constitutivas da vida individual, interagem com as histórias de outros, misturando-se nas histórias que relemos e recontamos. Pautados pelo olhar da Psicologia e imersos pelas práticas teatrais, as histórias se tornaram a linha de diálogo para o trabalho com idosos e foi, assim, que esta pesquisa surgiu.

Nossa experiência com pessoas acima de 60 anos, considerados pelos aspectos legais (Brasil, 2004) como idosos, percebemos a multiplicidade de velhices e de velhos. Os idosos das Instituições de Longa Permanência, dos grupos de convivência e das Universidades Abertas para a Terceira Idade (UATI) em muito se diferenciam daqueles idosos que convivemos em nosso dia a dia, assim como são diversos entre si. Poucas são, em nossas percepções, as aproximações de formas de viver, ver e pensar a vida para esses distintos grupos.

Dentre as diversas possibilidades de velhos e velhices, havia uma especificidade, reconhecida em sua complexidade, que nos atravessava de forma mais intensa e foi sobre ela que buscamos aproximações, as Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPIs). Estas são entendidas como “instituições governamentais ou não governamentais, de caráter residencial, destinadas a domicílio coletivo de pessoas com idade igual ou superior a 60 anos, com ou sem suporte familiar” (Anvisa, 2005, s/p.). Na prática, as ILPIs se tornam uma série de tipos de instituições, com as mais variadas modalidades de atendimento, públicas e privadas, cujo objetivo comum é proporcionar serviços de saúde e assistência aos idosos, conforme suas necessidades coletivas e individuais, assim como garantir a manutenção de seus direitos prescritos na Política Nacional do Idoso (1994) e no Estatuto do Idoso (2004).

Pouco após ingressar no Mestrado, visitamos uma ILPI localizada na região metropolitana do estado do Rio de Janeiro, a qual foi acompanhada semanalmente por mais de um ano. Logo, começamos a fazer parte do dia a dia da ILPI, muito antes de iniciar a pesquisa propriamente dita, e foi essa imersão no dia a dia da ILPI que nos permitiu formular de forma mais sólida a questão que norteia este trabalho: com as visitas semanais, percebemos a supracitada ILPI como um lugar muito diferente daquela que havíamos conhecido e vivenciado sua rotina como trabalhadores, outrora. Na instituição em que esta dissertação foi construída, encontramos idosos muito mais satisfeitos com a estada na ILPI. Muitos a tratavam como sua “casa” e, mesmo os que não a consideravam como a melhor opção, entendiam-na como uma boa opção.

Isso nos espantou, porque o projeto de pesquisa inicial não era condizente com a realidade da ILPI e também porque não acreditávamos que aquela realidade fosse possível, uma vez que batia de frente com muito do que já havíamos visto em outras instituições do mesmo caráter, como com o que a própria literatura científica apontava com relação à temática.

Reconhecemos, nesse sentido, as diferenças entre as instituições em termos infraestruturais e de recursos humanos, assim como culturais e de localização geográfica.

Na confusão entre todas essas impressões e sentimentos, nos surge a questão de pesquisa: o que sustenta o posicionamento de sujeito dentro de uma ILPI, quando a literatura aponta para noções de empobrecimento subjetivo?

Conforme relatos da experiência da antropóloga Guita Grin Debert (1999), a rotina institucional se expressa nas normas que restringem não somente as saídas, mas que também padronizam a rotina institucional que é igual para todos, desde a hora de acordar até o momento de exercer a higiene pessoal, o que comumente provoca situações que permitem pouco ou nenhum espaço para as peculiaridades de cada pessoa. Infelizmente, esta é a realidade de parte considerável das ILPIs brasileiras, principalmente em se tratando de instituições públicas e filantrópicas, as quais carecem de recursos humanos e financeiros.

Com base nisso, definimos o que chamamos de “empobrecimento subjetivo” com Lacan (1959-1960/2008) e a partir de nossas experiências profissionais: acompanhamos por alguns anos idosos que entraram e saíram de ILPIs, mais que entraram do que saíram, uma vez que a tendência é de que o idoso permaneça institucionalizado até seu falecimento. Ao longo desses acompanhamentos, convivemos com idosos que iam se “apagando” subjetivamente com o passar do tempo. Entram na instituição ativos e falantes e aos poucos se fecham em si mesmos, restringindo o contato com outras pessoas. Passam a falar menos, a levantar menos da cama, a participar com menor frequência das atividades propostas pela instituição. Isso porque a estrutura institucionalizada da ILPI favorece o empobrecimento nas relações, concretamente apresentadas pelo pouco interesse no convívio com os demais, observação também feita por Debert (1999) em suas pesquisas.

Lacan (1959-1960/2008), por sua vez, traz a tragédia grega da Antígona para pensar seus estudos sobre as duas mortes, a física e a subjetiva (ou simbólica). O mito é ilustrado por Antígona que, ao ser condenada a uma vida subterrânea após desobedecer seu pai, expressa como a morte subjetiva pode vir antes da morte física propriamente dita. Nesse sentido, o psiquismo falece antes do corpo e contribui com a deterioração deste, bem como da existência do eu. Com a morte subjetiva, o eu do sujeito deixa de existir, mesmo que ele esteja vivo no sentido mais concreto da palavra.

Elias (2001) nos alerta que diversas vezes a experiência de viver a velhice em um abrigo é dramática para o velho e não raras são as pesquisas que o consideram como verdadeiros “desertos de solidão” (Elias 2001, p. 86), o enclausuramento dos velhos que não têm para onde ir. Por outro lado, em diversas pesquisas os entrevistados buscam apresentar a institucionalização como uma possibilidade de autonomia, quando não é mais possível cuidar de si sozinho, ou não se quer estar sozinho, conforme relata Debert (1999). A institucionalização poderia vir a ser uma possibilidade de manter uma vida social: o abrigamento se torna a única possibilidade de não ficar morando na casa dos filhos, uma prática comum nas gerações anteriores, em que estes velhos, quando jovens, prezavam a presença dos avós em casa, o que hoje não acontece mais.

Aparece aqui um contraponto interessante que nada mais é do que uma forma de representar. Os idosos que surgem como personagens de Debert (1999), e também os desta pesquisa, se esforçam por mostrarem-se satisfeitos com a institucionalização, mas escorregam em suas atuações ao tentarem se reconhecer como “menos velhos” que os demais internos. Isso vem ao encontro do estádio do espelho apresentado por Lacan (1966/1998) e Messy (1993), porém um espelho às avessas. Enquanto Lacan (1966/1998) aponta que o eu se constrói a partir de como o outro o vê, percebemos situações em que o velho se utiliza da negação para enfatizar o eu como diferente daquele outro que não se quer ver: o velho só, abandonado, desinvestido pelos filhos e pela família, pela sociedade (Debert, 1999).

A impressão de que o momento de entrada no asilo corresponde a autoidentificação dos indivíduos como sendo velhos é desfeita logo após um contato mais demorado com os residentes. A ideia de que o velho é sempre o outro é aí presente de maneira ainda mais enfática (Debert, 1999, p. 121).

Conforme já dito, a busca pela instituição pode ser uma forma de manter laços sociais, o que nem sempre se efetiva, uma vez que estar rodeado por pessoas não quer dizer necessariamente haver laço social. Ainda, estar em uma instituição para idosos não é uma experiência vivida da mesma forma por todos, pois cada um tem uma percepção e uma maneira própria de se colocar nesse lugar.

Histórias para se contar

Gabriel Garcia Márquez aponta em sua obra **Memória de minhas putas tristes** que “é um triunfo da vida que a memória dos velhos se perca para as coisas que não são essenciais, mas raras vezes falham para as que de verdade nos interessam” (Márquez, 2005, p. 14). Sem perder isso de vista, apresentamos os atores desta pesquisa, os residentes que compartilharam suas histórias conosco. Estão aqui as histórias¹...

De Carolina que tem um lugar para chamar de casa.

De Cássio que espera por novas oportunidades de viver, morar e existir.

De Celimar, para quem é impossível se reconhecer num espelho fragmentado.

De Elton e suas percepções sobre uma velhice que não existe.

De Francisco e seu ressentimento pelo que ficou para trás.

De Jonas e sua necessidade de ser olhado e cuidado.

De Marisa e aquilo que pode relembrar aos 81 anos.

De Monalisa e uma ILPI que é ponto de referência para si mesma.

Quando contamos uma história, contamos para nós mesmos, mas também para os outros. E contamos para que outros a recontem. Por fim, na ponta de toda a história há fios tecidos por muitos. Já dizia Artaud² que há dez mil maneiras notórias de se reconstruir um corpo. Nenhuma história é pura. Nenhuma história está fechada em si mesma. No teatro, embora as histórias mantenham um enredo mais ou menos fixo, se moldam a cada apresentação, se diversificam com cada público, se recriam com a troca de adereços cênicos, de figurinos, de atores.

Diversos são os pontos que podemos destacar da rica experiência vivida com essas pessoas. Primeiramente, chama-nos a atenção o fato de que em geral falam pouco sobre a vida antes da institucionalização e se mostram mais abertos a abordar a vida na ILPI, dado significativo, uma vez que em outras experiências há maior tendência para se falar do passado (Baldin, & Marcolino-Galli, 2014; Magnabosco-Martins, Baldin, & Macari, 2014; Mucida, 2004, 2009). Talvez esta seja uma tentativa de alimentar o ego, já que na velhice ele não é mais representante ideal da imagem que se quer ver no espelho do outro (Messy, 1993; Mucida, 2009).

¹ Todos os nomes são fictícios, para preservar a identidade dos participantes.

² Alusão ao poema “Post-Scriptum” publicado em **Eu, Antonin Artaud**.

Por outro lado, ao ouvir as narrativas que cada uma daquelas pessoas tinha para contar, nos damos conta de que o texto narrado nem sempre é julgado por elas como uma história bonita. Exemplificamos com Marisa, que se vangloria de ter chegado aos 81 e aguarda a chegada de um tataraneto, sendo a pessoa mais velha de sua família e a primeira que poderá ter essa oportunidade. Mas, que é também aquela que apenas nos últimos minutos de uma longa entrevista se atreve a percorrer o sombrio caminho de recordar o quanto a vida foi difícil quando precisou cuidar de um filho doente.

Com Elton, a narrativa do passado se apresenta mais firmemente na recusa por falar sobre a família, cujo contato se perdeu. No entanto, sustenta a posição de uma velhice que não existe, porque é suportada por aquilo que considera alternativas ao envelhecimento, a saber, a manutenção dos encontros com os amigos, a bebida, os jogos.

Outros idosos centram suas falas no quão positivo é viver hoje no local em que se encontram sem, no entanto, recusarem-se explicitamente a falar da vida pregressa à ILPI. Isso pode se dever a uma espécie de vínculo instaurado, o qual coloca para esses idosos a ILPI como um local em que estão para serem cuidados. Como exemplo, Jonas coloca a ILPI como um lugar em que tem não só abrigo, mas alimentação. Diversas vezes repete que tem comida em fartura e que pode se servir quantas vezes quiser. Ele aponta: Se antes *“roubava manga e me lambuzava”* e *“tinha um bocado de macarrão e galinha e me dava arroz puro, macarrão”*; na ILPI *“eu ganho muita roupa, sobremesa, eu posso repetir a comida”, “é muita fartura”*. A institucionalização representa o contraste com uma vida baseada em privações.

O mesmo acontece com Francisco. Embora de outra ordem, a busca pela institucionalização é o meio de manter a vida e ele não economiza palavras para dizer que é ela, a ILPI e os profissionais que ali se encontram, que cuidam e oferecem condições para continuar existindo – existência que diz sobre um corpo orgânico, mas também da ordem de uma existência psíquica e social que se distancia da pobreza de uma vida condenada à inexistência de vínculos, como foi a de Antígona (Lacan, 1959-1960/2008).

Na ILPI eles fazem-se sujeitos. Assujeitam-se, de alguma forma, às normas, às condutas esperadas, à coletividade de diversas situações que não preservam suas particularidades enquanto sujeito. Mas também encontram brechas para construir espaços particularizados. Nas palavras de Lacan (1966/1998), esse assujeitamento é fundamental para a constituição do eu.

Com as diversas histórias, sobressai a importância desses idosos compreenderem a ILPI como um lugar em que estão, fazendo uma diferenciação entre aquilo que são enquanto sujeitos. Há uma forte expressão da liberdade como via de acesso para a preservação de um sujeito do desejo, que emerge e se atualiza no dia a dia institucional. Isso se ilustra por falas parecidas com “*Tem saída né? Tem liberdade*”. Principalmente no que diz respeito a Marisa, Monalisa, Celimar, Cássio e Elton, ter liberdade para transitar entre a ILPI e o mundo externo. As saídas parecem garantir suas existências enquanto sujeitos. Estar no Abrigo pode não ser vivido como uma privação de liberdade.

“Liberdade” acaba por se tornar significativa no contexto em que vivem. Não uma liberdade baseada nos ideais iluministas, mas entendida conforme Freud (1930/1996) trabalhou em *Mal-Estar na Civilização*: aquela liberdade que se atrela à noção de “acomodação”, porque esses idosos encontram no Abrigo elementos que garantem a manutenção de sua existência, pelo abrigo em si, pela alimentação equilibrada ou apenas por entenderem-no como um lugar para repousar.

Outra questão importante é que estes idosos não se sentem sós. Eles mantêm relações dentro e fora da ILPI com distintos objetos significativos, sejam pessoas, artigos pessoais ou lugares que frequentaram muito, tão importantes para a existência do eu (Messy, 1993). Nesse sentido, Elton continua indo à praça e aos bares a que sempre foi, assim como Cássio frequenta seus lugares de referência, Monalisa mantém as fotografias e as expõe com emoção enquanto falamos, Marisa, Celimar e Francisco sentem-se vinculados a familiares e amigos, Carolina e Jonas sentem suas necessidades supridas pelas relações que mantêm dentro da ILPI. Manter este vínculo, para eles, é estruturante e diz de um sujeito que pulsa na relação com outros e que ali existem, se faz sujeito.

Não há, portanto, um apagamento do eu, nem uma relação forte de empobrecimento subjetivo. Mesmo que tenham sido de certa forma retirados da vida social, estão longe de sentirem-se condenados à solidão. Ao menos não de forma tão evidente, a ponto de que pudéssemos identificar em suas representações a eminência de uma morte subjetiva, aquela que acomete a existência antes de abranger a morte do corpo (Lacan, 1959-1960/2008). Ao contrário, o sujeito do desejo pulsa. Assim se sustentam sonhos e anseios: da parte de Francisco é o encerramento de um tratamento de saúde; para Marisa é a chegada do tataraneto e da longevidade; para Celimar, a saída do Abrigo para uma vida compartilhada com a irmã.

Isso nos leva a crer que a velhice pode, sim, sustentar sonhos, expectativas de futuro. Não se vê um fim por si só. Há, também, possibilidades de se respirar, de se continuar produzindo enquanto sujeito. Sob nenhuma hipótese defendemos processos de institucionalização e sequer a existência de ILPIs, mas, se outrora nossas experiências nos mostraram as ILPIs como um local em que dificilmente uma velhice “em vida” pudesse sobreviver, hoje há um pouco mais de esperança de que processos favoráveis possam ser construídos. Ao mesmo tempo, reconhecemos a necessidade de estarmos alertas para não “romantizarmos” a institucionalização e, sim, reconhecer que aquilo que ouvimos dos residentes desta ILPI é fruto também de uma tentativa de o sujeito manter-se autor de sua própria história, bem como de contar uma história bonita.

No mesmo sentido, embora não nos referindo especificamente às instituições e processos de institucionalização, ressaltamos a importância do velho se autoafirmar enquanto sujeito, uma vez que as falas dos idosos sugerem que há um desinvestimento do eu no espelho do outro. Eles sentem que, com o passar dos anos, se tornam menos investidos, pessoal e socialmente (Messy, 1993; Mucida, 2004, 2009). Uma tentativa de contornar essa visão tão dolorosa que têm de si é pela diminuição do outro: o pior é sempre o outro (Debert, 1999; Mucida, 2009). Embora estejam no mesmo lugar, vivendo situações semelhantes, é comum que os idosos façam comparações, justificando o outro como mais velho, como mais solitário, como mais abandonado. Jamais a si próprio. Tenta-se, com o direcionamento externo, manter a dignidade do eu.

Efetivamente o velho acaba sendo sempre o outro. Comuns são os pronomes utilizados para referenciar os demais internos quando tratamos de “velho”: “eles” e “aqueles”. Quando tratam do idoso, porém, ou referenciam o outro, ou assumem o conceito para si, mas apenas conforme os aspectos legais (aquele que tem 60 anos ou mais) (Brasil, 1994, 2004).

Em suas concepções, o velho e a velhice se referem àqueles que perderam o encanto pela vida, independentemente da idade. Estes são “o trapo”, os desacreditados. Muitas vezes a velhice e o velho estão ligados à dependência, física e psíquica. Na ILPI em questão, a dependência física é mais visível, pois os cuidados são evidenciados tanto pela presença mais recorrente dos profissionais de enfermagem, quanto pela distribuição dos moradores nos residenciais, classificados por grau de dependência. Nesse sentido, a maior liberdade para ir e vir, sem depender de outros, é correlata à qualidade dos relacionamentos interpessoais. Os “velhos”, então, são os que têm mais dificuldades.

São os idosos reclamões, mal-humorados; e a velhice, para eles, é um estado de espírito que muitas vezes chega antes da idade avançada.

Mas mesmo entre os idosos mais independentes envelhecer é difícil. Quando Francisco se questiona sobre as coisas que aconteceram no mundo e em sua existência dentro de um piscar de olhos que ele não acompanhou, indaga se pode ser perdoado por ter chegado à velhice. Ele parece solicitar absolvição por não imaginar que lá chegaria. Em suas palavras: *“pode-se dizer que [se eu soubesse que] chegaria a esse tempo eu teria me preparado de uma outra maneira”*. Ele se desculpa por acreditar que poderia ter se envolvido mais com questões filosóficas que permeiam a vida e assim teria se “preparado” para estar velho: *“eu teria que estudar mais. O que é o Universo, o que é o próximo, o que é a vida, o que é a juventude, o que é a sabedoria, o que é jovem e o que é adiante, o que é maduro. O que não é maduro, o que é precoce”*. Digo-lhe: você talvez teria refletido mais. Ao que me responde: *“me envolver. Teria refletido mais, me envolvido mais dos assuntos de mulher e de homem”*.

A fala de Francisco, de alguma forma, sintetiza um sentimento que muitos idosos têm de tentar justificar por não serem mais pessoas tão agradáveis, por conta da idade. Isso se exemplifica quando Carolina aponta para os idosos reclamões, mas que isso acontece *“porque são velhinhos”*, ou quando Celimar aponta para outro interno como velho, mas que preserva *“um rostinho bom”*. É uma absolvição para o “mal da idade”. Monalisa também se desculpa por comportamentos que nem sabe se tem ou teve, mas que se os tem é porque chegou a *“uma certa idade”*. Elton e Cássio, por outro lado, buscam o perdão por envelhecerem com a tentativa de continuar contribuindo com a vida coletiva, tendo acesso a meios sociais, mantendo seus vínculos fora da ILPI, os jogos, a bebida, as saídas.

Ao refletir sobre a globalização e a velhice, Mucida (2004, p. 81) questiona-se *“que novo é esse que se faz à revelia de uma história e não pressupõe nenhuma posição nova do sujeito diante da vida?”*. Essa é uma pergunta que precisamos nos fazer para termos mais pistas sobre o que se pede perdão ao envelhecer, o porquê da busca por tanto novo, sem antes perceber que o passado, o “velho”, pode ser atualizado.

Assim, não podemos deixar de levantar a hipótese de que os idosos que compartilharam suas histórias conosco não estão mortos simbolicamente. Ao contrário, por manterem vivos dentro de si desejos, sonhos, metas e perspectivas, são capazes de preservar algo de um sujeito que pulsa.

Autores e autoras, atores e atrizes de suas próprias encenações retratam a vida que transcende o palco de uma existência, permeando com características muito particulares toda a plateia, assim como as coxias e os camarins. Narram e representam suas próprias histórias, mostram ao outro que há muito a ser dito, encenado, interpretado.

Por fim, no fechar das cortinas, algumas considerações finais...

Desde o início da feitura da pesquisa assumimos que se tratava de uma encenação. Na produção fomos diretores, pois selecionamos os atores e atrizes que nos apresentaram suas cenas individuais. Para tal, sucederam-se diversos encontros, coletivos e individuais, nos quais cada um mostrou um pouco de suas particularidades, de suas compreensões sobre a vida, sobre o lugar em que vivem, sobre si mesmos e os outros.

Trabalhamos ao longo de vários meses com um tema, sem propriamente um roteiro ser construído. Até que o momento de termos um roteiro aconteceu. Foi quando os encontros passaram a se basear em exercícios de encenação. No palco desta pesquisa se apresentaram oito atores e atrizes que, porém, trouxeram consigo outras tantas referências que nos serviram de base para o espetáculo em sua montagem final – embora nunca definitiva. Eis a representação: cada um, quando convocado a encenar seu texto, atribuiu seus próprios sentidos àquilo que lhe foi pedido em dado roteiro: Como você chegou aqui? Como era sua vida antes daqui? O que você entende por idoso, velho e velhice?

Diante das perguntas, demos-lhes a possibilidade de criarem cenas relativamente improvisadas para uma apresentação breve, mas localizada, e puderam nos contar suas histórias. Artaud (1987, 2011) apontou que ninguém jamais produziu qualquer trabalho artístico sem ter tido por objetivo deixar o inferno. Analogicamente, não acreditamos em outra possibilidade para esta pesquisa que não uma tentativa de que esses atores e atrizes, autores e autoras, encontrem a representação como uma possibilidade de cura, de encontro consigo mesmos. Ou seja, o texto não estava e nunca estará pronto. Precisa ser escrito e escrito no sentido de oferecer alguma forma de libertação a seu autor. Isso acontece apenas no dia da apresentação.

É sob o olhar do outro que o autor dita as linhas de seu texto. É nesse momento que ele se encontra. Ainda conforme Artaud (2011, p. 73), “o teatro só será devolvido a ele mesmo no dia em que toda a representação dramática se desenvolver diretamente a partir do palco, e não como uma segunda versão de um texto definitivamente escrito”.

É por isso que esta pesquisa, em última instância, se apresenta pela voz do que se tem a dizer no momento. Nada mais visa ser do que um meio de permitir que idosos em situação de institucionalização tenham voz e representem a si mesmos.

A experiência aqui vivida por nós foi algo completamente novo e trouxe o novo para a análise: a institucionalização não precisa ser definitivamente um processo danoso para o sujeito, embora em geral seja. Há possibilidades. Há caminhos. Há construções a serem feitas e que permitem que, mesmo dentro de normas rígidas e coletivizadas, o sujeito possa se fazer sujeito. Uma dessas formas é dar-lhe voz e autonomia para contar sua história da forma que quiser, ou que acreditar ser. Outra, e é esta nossa principal consideração com relação à pesquisa, é uma transformação da ILPI como é dada em um lugar aberto a possibilidades e a escolhas, mesmo que limitadas.

As pessoas institucionalizadas precisam sentir-se pessoas. Precisam de voz e de ouvidos que as escutem. Precisam de meios de representação. Precisam de plateia.

Referências

- ANVISA. (2005). Agência Nacional de Vigilância Sanitária. *Resolução da Diretoria Colegiada*, 283, de 26 de setembro de 2005.
- Artaud, A. (1987). *O teatro e seu duplo*. São Paulo, SP: Max Limonad.
- Artaud, A. (2011). *Linguagem e Vida*. (2ª ed.). São Paulo, SP: Perspectiva.
- Baldin, T., & Marcolino-Galli, J. (2014). Considerações sobre sujeito, memória e linguagem, a partir da escuta dos relatos de duas idosas institucionalizadas. São Paulo, SP: PUC-SP: *Revista Kairós-Gerontologia*, 17(2), 153-177. Recuperado em 30 dezembro, 2016, de: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/viewFile/21705/15961>.
- Boal, A. (2009) *A estética do oprimido*. Rio de Janeiro, RJ: Garamond.
- Debert, G. G. (1999). *A Reinvenção da Velhice: Socialização e Processos de Reprivatização do Envelhecimento*. São Paulo, SP: EDUSP.
- Elias, N. (2001). *A solidão dos moribundos – seguido de “Envelhecer e morrer”*. Rio de Janeiro, SP: Jorge Zahar Ed.

Freud, S. (1996). O mal-estar na civilização. *In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. 21, pp. 15-63). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Obra originalmente publicada em 1930).

Lacan, J. (1998). O estádio do espelho como formador da função do eu. *In: Escritos*. Tradução V. Ribeiro. Rio de Janeiro, RJ: Zahar. (Obra originalmente publicada em 1966).

Lacan, J. (2008). *O Seminário, Livro 7. A Ética da Psicanálise*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Ed. (Obra originalmente publicada em 1959-1960).

Lei n.º 8.842, de 4 de janeiro de 1994. Dispõe sobre a Política Nacional do Idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências. Recuperado em 30 dezembro, 2016, de: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8842.htm.

Lei n.º 10.741, de 01 de outubro de 2004. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Recuperado em 30 dezembro, 2016, de: http://www.amperj.org.br/store/legislacao/codigos/idoso_L10741.pdf.

Magnabosco-Martins, C. R., Baldin, T., & Macari, F. (2014). Atuação em Instituições de Longa Permanência para Idosos: experiências em ensino, pesquisa e extensão. *In: Magnabosco-Martins, C. R. (Org.). Atuações com idosos: perspectivas em pesquisa, serviços e ações* (pp. 51-76). Curitiba, PR: CRV.

Márquez, G. G. (2005) *Memória de minhas putas tristes*. (9ª ed.). Rio de Janeiro, RJ: Record.

Messy, J. (1993). *A pessoa idosa não existe*. São Paulo, SP: Aleph.

Mucida, A. (2004). *O sujeito não envelhece. Psicanálise e velhice*. Belo Horizonte, MG: Autêntica.

Mucida, A. (2009). *Escrita de uma memória que não se apaga – envelhecimento e velhice*. Belo Horizonte, MG: Autêntica.

Quaresma da Silva, D. (2013) A pesquisa em Psicanálise: o método de construção do caso psicanalítico. Belo Horizonte, MG: *Estudos de Psicanálise*, 39, 37-46. Recuperado em 30 dezembro, 2016, de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372013000100004.

Recebido em 08/11/2017

Aceito em 30/03/2018

Talita Baldin - Mestre e Doutoranda em Psicologia, Universidade Federal Fluminense; psicóloga clínica; e atriz pelo Coletivo Sem Órgãos. Niterói, RJ, Brasil.

E-mail: talitah_0507@yahoo.com.br

Paulo Eduardo Viana Vidal - Doutor em Teoria Psicanalítica, UFRJ, Docente do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense. Niterói, RJ, Brasil.

E-mail: paulovidal@id.uff.br